

Fonte A Crítica Class.: Sateré-Maué
 Data 04/07/93 Pg.: 242

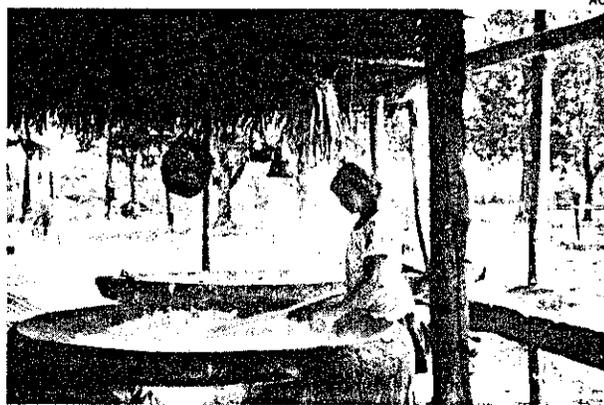
Luta contra humilhação é meta dos Sateré-Maué

Miguel Pacheco
Especial para A CRÍTICA

Eles não frequentam o Shopping Center, não vão ao teatro, não circulam pelos restaurantes, bares e boates da vida. Não andam de ônibus, nem são vistos nas filas do Inamps. Eles não assistem ao Jornal Nacional e tampouco leem o noticiário do dia-a-dia. Não tomam Coca-Cola nem comem hambúrguer. Não vestem a moda e sequer sabem quem ganhou o último Oscar. Eles são os Sateré-Mawé, pouco mais de cinco mil índios que vivem na reserva indígena do Marau, município de Maués, distante oito horas de barco da cidade.

Exagero? Certamente não. Existem as exceções, os que optaram pelo mundo dos brancos e quase sempre perambulam indecisos e atônitos pelos grandes centros e, na sua maioria, acabam por retornar ao habitat natural: a selva. Longe da poluição, daviolência e da discriminação dos civilizados.

De forma primitiva e original, tiram do solo, da água e da caça, o alimento do dia-a-dia. Uma nação guerreira e resistente, que nos últimos dez anos apresentam um crescimento superior a 50%, sendo que hoje 80% da tribo é constituída por jovens. Jovens destemidos na luta contra a humilhação e ganância quase sempre imposta pelo mundo civilizado.



A vida na reserva Marau é tranqüila

Choque cultural é comum na cidade

Os Sateré-Mawé só vão a cidade quando necessário. Na maioria das vezes em busca de medicamentos, gêneros alimentícios e para vender artesanato e farinha. Em Maués a Prefeitura Municipal mantém uma casa que serve de alojamento.

Conforme Aristides Michiis, Capitão-Geral dos Tucanos de Nova Esperança, o convívio com a cidade produz um choque cultural. "Lá nós somos discriminados e humilhados", diz acrescentando que isto ocorre nma capital, pois em Maués são bem tratados.

Já a professora Dulce Franceschini, pesquisadora, acredita que a luta pela conversão dos índios, entre as seitas religiosas, promove o acirramento e conflito cultural tornando-se principal responsável pela destribalização.

Ainda assim, existe quase um consenso entre os jovens. Todos querem conhecer a capital, apesar das experiências amargas dos mais antigos os deixarem assustados. O casal Diniz Santos, 21 e Ilistina Santos, 14, planejam uma viagem ainda este ano mas, segundo eles, só para passear, comprar alguma coisa e voltar.

Dança da Tucandeira: a vida dos índios

A dança da Tucandeira nada tem a ver como os ritmos que embalam os jovens das cidades. O som em nada se confunde com o barulho estridente dos Rocks ou heavel metal. Os trajés, às vezes, um único calção, em nada se parece com a marca principal dos "teens" que invadem as discotecas com suas jaquetas pretas, calças desbotadas e tênis coloridos. Ao contrário, quase sempre semi-nús e descalços. Mas eles, como os jovens de todo o mundo são irreverentes e rebeldes e acalentam os sonhos. Sonham em ser felizes. E para eles, os jovens guerreiros das tribos Sateré-Mawé, a dança da tucandeira é o passaporte para a felicidade.



Apesar da dor, a dança é o passaporte para a felicidade

O ritual é uma tradição de séculos e marca a passagem da adolescência para a vida adulta. a

partir daí, são liberados para fazer sexo. O teste não é obrigatório, mas eles acreditam que os que o recusam, tornam-se medrosos e infelizes. No ritual, o adolescente tem o seu rosto pintado, as mãos e braços untados com óleo de genipapo uma planta de cor escura que serve para esconder as picadas das tucandeiras, formigas que habitam a região. Sua picada compara-se com a dor

de uma ferroada de escorpião ou de cobra. A dor permanece 24 horas.

Durante a dança, o índio jovem coloca nas mãos uma luva de palha coberta de formigas. De braços dados, dançam ao ritmo de batidas compasadas de pés no chão. A expressão de dor pode ser vista no rosto de cada um. Alguns tentam esconder as lágrimas, outros abaixam a cabeça.

Após o ritual, a adolescente fica 40 dias trancado comendo xibe (farinha e água).

Orgulhosos, acreditam que a dança da tucandeira faz da dor e certeza de dias melhores. Espanham os maus espíritos, tornam-se mais férteis e preparados para a vida adulta, vitoriosos na pesca e na caça. "É pra gente ser feliz" resume Antônio Tiburcio, 41, tucchau dos Sateré.

Fonte A Crítica Class.: Sateré - Mawé
 Data 04/07/93 Pg.: 242

MANAUS-AM

4 JUL 1993



Os índios levam uma vida simples mas harmoniosa

Índigenas morrem envenenados

A marca de um drama vivido nos incios dos anos oitenta, ainda hoje, persegue as tribos Saterés. Motivo de grande polêmica e contradições, o assunto sempre vem a tona quando se faz uma grande reunião. Uma herança maldita, é como pode ser classificada a presença da multinacional Francesa, Elf-Equitane naquela em 1982. Com o objetivo de realizar prospecção na busca de petróleo foram colocadas 60 bombas cilíndricas entros Rios Urupandi e Marau.

Segundo o líder indígena João Sateré, as reservas foram irresponsavelmente contaminadas com tóxico das bombas, matando peixes e caças. E mais tarde foram registradas quatro falecimentos de índios que manusearam as bombas. "Nós éramos inocentes, não sabíamos o que fazer. eles desrespeitavam as nossas famílias, davam bebidas para as mulheres e se aproveitavam da nossa fragilidade", diz ele.

Conforme o cineasta Humberto Michillies, um dos primeiros a denunciar o fato, as bombas continham agentes laranja, uma arma química usada pelos Estados Unidos na guerra do Vietnã para desfolhar as florestas, localizar os vietcongs. O elemento químico queima a pele e leva a morte. Os índios acreditam que a escassez de alimentos, flora e fauna é uma consequência deste crime.

Uma indenização de trezentos milhões foi paga pela Estatal Francesa sendo que o dinheiro seria dividido entre as tribos Mundurucú e Saterés. Este dinheiro teria sido repassado para um índio de nome 'Dico', que a reportagem não conseguiu localizar. Conforme denúncia de várias lideranças e do seu próprio filho, Mário Ferreira da Silva, ele adquiriu barcos e repassou às tribos e o restante ninguém sabe dizer que fim levou.

Idioma deve ser preservado

Convivendo com os Sateré, desde o dia cinco de março de 93, a professora Dulce Franceschini, 29, natural de Santa Catarina, pesquisadora e professora visitante da UA, preparando-se para doutorado em lingüística na França, defende a educação bilingüe português-sateré, como forma de preservar a identidade das tribos do Marau. "O português deve ser visto e aplicado como um segundo idioma. Não pode tomar o lugar da língua Sateré. A língua é a forma forte de preservar uma cultura reforçada.

Franceschini, que está preparando uma cartilha em Sateré, diz que os índios devem ser escolarizados conforme seus costumes e origem para não correr o risco de transformar a sua língua materna apenas uma transição para o português. "Eles precisam ler, escrever e pensar em Sateré, para não perderem a identidade", diz acrescentando que os brancos, com sua influência assistencialista, desorganizaram o sistema primitivo dos índios.

Franceschini disse que a introdução dos costumes urbanos alteram a rotina e criam novas necessidades. "Antes eles plantavam para consumo próprio, hoje eles plantam para vender". Outro exemplo citado pela professora é a aposentadoria institucionalizada pelo governo. "Ela altera a forma de produção, impõe a circulação de moedas, mas por outro lado garante a aquisição de alimentos e remédios", admite.

Ao contrário do sociólogo Darci Ribeiro, que em seu livro "Fronteiras Indígenas da Civilização" classifica os Sateré-Mawé como índios integrados, Franceschini entende que integrar é participar ativamente da sociedade e

isto não ocorre com os Sateré. "Eles não têm os costumes dos civilizados, dançam a tucandeira, têm suas próprias regras e deuses", diz convicta.

Amor — O indigenista João Américo Peret, com a experiência de 43 anos entre os índios, diz que eles são sensuais no amor e a iniciativa cabe a mulher até para o casamento na maioria das tribos. São ciumentos e se deixam levar pela ira e a sede de vingança contra o rival. Quando amados são serenos. Casados, são ternos e dedicados aos filhos.

O vereador Benito Barbosa Batista, 27, eleito com noventa por cento dos votos na área indígena, onde trabalha há mais de dois anos como membro da Funai, confirma esta versão. "Os Sateré são serenos, mas não são submissos. São alegres e irreverentes e gostam de namorar e fazer amor".

A iniciação sexual começa muito cedo. Para as mulheres sexo só é permitido após a primeira menstruação. Quando acontece a mulher está pronta para casar. "Este é o costume da tribo", diz a professora Dulce, acrescentando, que a relação amorosa ou o casamento entre índios e brancos ainda é um tabu.

Nos últimos anos os Sateré apresentaram uma taxa de crescimento elevada. Há dez anos eram pouco mais de dois mil. Hoje calcula-se mais de cinco mil índios. Os casamentos são duradouros, cada família tem em média seis filhos e a média de vida oscila entre 65 a 70 anos. Na forma conjugal existem os bigamos e os polígamos. "São resquícios do que poderia ser antes da influência dos brancos", diz Franceschini.